

DESIGUALDADES MATERIAIS E PSICOLÓGICAS ENTRE GÊNEROS NO ENSINO SUPERIOR: IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19

ADRIANA OLIVEIRA ANDRADE¹; ANA CAROLINA BERNARDES SANTOS²

¹ Professora de Estatística do Departamento de Matemática da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, andrade.ufrrj@gmail.com.

² Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, anacarolb53@gmail.com.

RESUMO

Apesar das importantes conquistas obtidas pelas mulheres, a desigualdade multifacetada entre os gêneros se perpetua, tornando a realização de pesquisas essencial para compreender esse fenômeno. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo traçar o perfil de estudantes de uma universidade pública brasileira a partir de um recorte de gênero, analisando suas percepções sobre condições materiais e psicológicas durante a pandemia da Covid-19. A pesquisa, de caráter descritivo e exploratório, adota uma abordagem quantitativa e foi conduzida com 73 graduandos. A análise dos dados foi realizada por meio da Análise de Correspondência Múltipla, técnica multivariada exploratória que possibilita a visualização das relações entre as categorias de variáveis qualitativas, a partir da redução das dimensões dos dados, e, desse modo, permite a identificação de padrões e perfis distintos com base na proximidade ou distância das categorias. Os resultados indicam diferenças relacionadas com o gênero do estudante. As mulheres demonstraram maior associação com a percepção de piora nas condições financeiras, enquanto os homens relataram mais frequentemente dificuldades nas condições de estudo. No que tange à saúde mental, ambos os grupos apresentaram altos percentuais de piora, mas as mulheres relataram esse impacto com maior frequência. Além disso, a vontade de estudar foi afetada de forma generalizada, atingindo aproximadamente dois terços dos estudantes, independentemente do gênero. Observou-se ainda que, entre as mulheres, a sobrecarga acadêmica e doméstica pode ter contribuído para uma pior percepção das condições gerais, refletindo um acúmulo de responsabilidades. Os resultados reforçam que a desigualdade de gênero não apenas persiste, mas pode ter sido aprofundada pela pandemia, afetando a vida acadêmica e pessoal das mulheres de forma mais significativa. Esses dados evidenciam como as condições sociais e culturais estruturais influenciam a percepção de bem-estar e o desempenho dos estudantes.

Palavras-chave: Covid-19; Estudantes; Desigualdade; Gênero; Saúde Mental.

MATERIAL AND PSYCHOLOGICAL GENDER INEQUALITIES IN HIGHER EDUCATION: IMPLICATION OF THE COVID-19 PANDEMIC

ABSTRACT

Despite the important achievements made by women, the multifaceted gender inequality persists, making research essential to understand this phenomenon. In this regard, this study aims to outline the profile of students at a Brazilian public university based on a gender perspective, analyzing their perceptions of material and psychological conditions during the Covid-19 pandemic. The research, which is descriptive and exploratory in nature, adopts a quantitative approach and was conducted with 73 undergraduate students. Data analysis was performed using Multiple Correspondence Analysis, an exploratory multivariate technique that enables the visualization of relationships between categories of qualitative variables by reducing the dimensions of the data, thus allowing the identification of patterns and distinct profiles based on the proximity or distance between categories. The results indicate gender-related differences. Women showed a stronger association with the perception of worsened financial conditions, while men more frequently reported difficulties in study conditions. Regarding mental health, both groups reported high percentages of deterioration, but women reported this impact more frequently. Moreover, the desire to study was generally affected, impacting approximately two-thirds of students, regardless of gender. It was also observed that, among women, academic and domestic overload may have contributed to a worse perception of overall conditions, reflecting an accumulation of responsibilities. The results emphasize that gender inequality not only persists but may have been

deepened by the pandemic, affecting the academic and personal lives of women in a more significant way. These data highlight how structural social and cultural conditions influence students' well-being perception and performance.

Keywords: Covid-19; Gender; Inequality; Mental Health; Students.

1 INTRODUÇÃO

A Covid-19, uma doença respiratória aguda e altamente transmissível, atingiu o status de pandemia em 11 de março de 2020 declarado pela Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS, 2020) e apresentou repercussões na esfera social e econômica da sociedade mundial. No âmbito educacional, de imediato, ocorreu a suspensão das atividades nas instituições de ensino em razão da necessidade do afastamento social para a contenção da transmissão do vírus e pela inexistência de um método de controle ou tratamento da doença (Arruda, 2020).

A retomada das atividades educacionais no âmbito legal se deu com a portaria nº 343, publicada em 17 de março de 2020 (Brasil, 2020), que normatizou a substituição das aulas presenciais por aulas remotas com o uso de recursos digitais. Foi permitido às instituições deliberar quanto ao modelo a ser adotado e disponibilizar os meios para acompanhamento dos conteúdos por parte dos alunos. No ensino superior, a existência prévia do ensino à distância (EAD) não foi um facilitador para a implementação do ensino remoto, haja vista a diferença entre essas duas modalidades. Enquanto o EAD é um sistema educacional com um planejamento e uma estrutura que lhe assegura uma previsibilidade no seu funcionamento, o ensino remoto se colocou como opção viável no contexto de pandemia com o intuito de minimizar os prejuízos educacionais causados pelo afastamento dos alunos do ambiente de ensino (Castro; Queiroz, 2020).

As dificuldades que se colocaram ao funcionamento do ensino remoto nas universidades podem, por um lado, ser analisadas a partir da oferta. No que pese as distinções entre organizações públicas e privadas (Barbosa *et al.*, 2020), em ambos os domínios foram comuns os desafios enfrentados pelos professores que não possuíam experiência e nem infraestrutura para ofertar suas disciplinas de forma remota. Os professores, em geral, precisaram realizar uma docência mediada por Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) com a modificação das suas formas de trabalho e da sua rotina doméstica no atendimento aos alunos (Velo; Mill, 2018). Segundo Calderari, Vianna e Meneghetti (2022) os efeitos da pandemia nos docentes do ensino superior ocorreu não apenas em níveis materiais, mas ainda em aspectos físicos e psicológicos. O trabalho que antes era realizado no espaço da universidade foi deslocado para a residência do professor e resultou na flexibilização do tempo do docente,

de modo que passou a ser um desafio para esse profissional separar o tempo do trabalho do tempo destinado à sua vida privada (Veloso; Mill, 2018; Calderari *et al.*, 2022).

Uma outra dimensão pela qual pode-se analisar as dificuldades relacionadas ao ensino remoto refere-se ao principal ator dessa dinâmica: o aluno. Apesar dos muitos esforços dos professores para a manutenção das atividades acadêmicas, a conjuntura mais geral na qual os alunos estavam inseridos se revelou como um grande complicador ao êxito do ensino remoto. Dentre os elementos limitantes a uma participação plena do estudante, pode-se mencionar a ausência de infraestrutura em casa quanto a possuir equipamentos, ambiente adequado e cooperação dos demais moradores a fim de tornar possível a participação nas atividades síncronas do ensino remoto bem como realizar as demais atividades acadêmicas (Crawford *et al.*, 2020).

Nessa direção, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) fez uma pesquisa no quarto trimestre no ano de 2018, a qual constatou que 79,1% dos domicílios de todo o país utilizavam internet, sendo a maioria destes localizados na zona urbana, e tendo como principal meio de acesso ao serviço de banda larga o telefone celular (99,2%), seguido do uso de microcomputadores (48,1%). Esses dados corroboram que apesar do esforço das Instituições de Ensino Superior (IES) para adotar o ensino remoto emergencial como uma estratégia para amenizar os danos no processo de aprendizado dos alunos, a desigualdade social presente no país foi um fator de empecilho a democratização do ensino virtual (Vieira *et al.*, 2022).

Outras desigualdades que caracterizam a população brasileira, também foram refletidas no ensino remoto nas universidades. No Brasil, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2019, a proporção de mulheres com ensino superior é igual a 19,4%, enquanto esse valor para os homens é de 15,1% entre o grupo de pessoas com 25 anos ou mais (IBGE, 2021). Contudo, essa vantagem feminina na escolaridade não é traduzida na ocupação, já que sua taxa de participação no mercado de trabalho é de 54,5% frente aos 73,7% relativos ao gênero masculino em 2019 (IBGE, 2021). Um dos elementos responsáveis pela manutenção de um significativo segmento feminino fora do mercado de trabalho, apesar da sua maior escolaridade, está relacionado aos cuidados com os dependentes (crianças e idosos). As mulheres dedicam em média 21,4 horas semanais no cuidado com pessoas e/ou afazeres domésticos (IBGE, 2021). Esse tempo para os homens é de 11 horas, quase a metade. Portanto, em geral, as mulheres precisam dividir o tempo destinado ao trabalho ou ao estudo mais frequentemente que os homens com atribuições de principal cuidadora do domicílio em que reside. Essa realidade marcada pela desigualdade de condições entre os dois gêneros se fez

presente, também, durante o ensino remoto. Segundo Bartmeyer e Salles Filho (2020), as estudantes mostraram-se mais intranquilas e inseguras, bem como relataram menor tempo livre e maior sobrecarga com atividades domésticas.

Tendo em vista a importância do gênero para o entendimento dos papéis sociais, o objetivo deste trabalho consiste em elaborar um perfil dos estudantes de graduação de uma universidade pública federal durante o período de ensino remoto ofertado na pandemia da Covid-19 com o recorte da diferença de gênero entre os estudantes. Serão avaliadas as diferenças de percepção das condições psicossociais dos discentes experimentadas durante a pandemia.

METODOLOGIA

O presente estudo possui um caráter descritivo e exploratório com uma abordagem quantitativa. A revisão da literatura considerou artigos publicados nos últimos cinco acessados via Portal de Periódicos da Capes, tendo como critério de inclusão a discussão das dificuldades enfrentadas pelos alunos do ensino superior relacionadas com a Covid-19.

Os dados analisados foram levantados em uma pesquisa de opinião com estudantes de graduação de uma universidade federal do estado do Rio de Janeiro inscritos na disciplina de estatística, ofertada na modalidade de ensino remoto no primeiro semestre de 2021. A pesquisa foi voluntária e sem identificação dos participantes, estando em conformidade com a resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Participaram 73 alunos e as respostas foram coletadas através do recurso de formulários da plataforma Google. A análise dos dados foi realizada no software R (R Core Team, 2021).

O diagnóstico da percepção dos estudantes com base no gênero foi realizado sob uma perspectiva multivariada através da Análise de Correspondência Múltipla (ACM) (Fávero; Fávero, 2017). A ACM é uma técnica exploratória multivariada que possibilita sumarizar, visualizar e identificar relações de interdependência em um conjunto de variáveis com escala nominal (Di Franco, 2016; Husson; Josse, 2014).

A partir da redução da dimensionalidade dos dados se obtém novos eixos que refletem a variabilidade observada e que possibilitam a realização de um gráfico no qual variáveis e indivíduos são representados por pontos em um mesmo plano. A avaliação da proximidade/distância é utilizada para avaliar as relações entre esses elementos. Assim, pode-se elaborar perfis de indivíduos com referência no agrupamento no gráfico (Di Franco, 2016; Husson; Josse, 2014).

RESULTADOS

Na **Tabela 1** observa-se o perfil sociodemográfico (sexo, cor/raça e idade) dos discentes que participaram do estudo. Dos 73 indivíduos que responderam à pesquisa 63,01% declararam ser do sexo feminino e 36,99% do sexo masculino. Esse maior número de mulheres pode ser explicado pela Psicologia representar 41,10% dos cursos de origem dos alunos que compõem o presente estudo. Quanto à idade, 83,56% destes possuem entre 18 e 24 anos, 9,59% de 25 a 29 anos e 6,85% mais de 30 anos. A média de idade ficou em 22,97, enquanto na Pesquisa Nacional do Perfil dos Graduandos esse valor foi um pouco superior, 24,43.

Por fim, 60,27% dos estudantes se dizem brancos, 15,07% pardos, 20,55% negros e 4,11% escolheram a opção outra cor. Essa distribuição mostrou-se distinta da observada na Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos graduandos das IFES de 2018 (Andifes, 2019): brancos 43,3%, pardos 39,2%, negros 20%, outros 3% e 2,5% sem declaração. Enquanto, a presente pesquisa registrou 35,62% de estudantes negros (pretos e pardos), na Pesquisa Nacional de Perfil dos Graduandos mais da metade dos participantes (51,25%) se declarou negra.

TABELA 1 - Perfil Sociodemográfico dos estudantes de graduação de uma universidade pública federal, Rio de Janeiro, Brasil, 2022

Sexo	n	%
Feminino	46	63,01
Masculino	27	36,99
Cor	n	%
Branca	44	60,27
Parda	11	15,07
Preta	15	20,55
Outra	3	4,11
Idade	n	%
18-24 anos	61	83,56
25-29 anos	7	9,59
>30 anos	5	6,85

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Alguns aspectos relacionados com as condições para participação das aulas remotas foram avaliados na pesquisa. Identificou-se que 10,9% das alunas não possuíam computador, enquanto esse percentual entre os alunos do sexo masculino foi menor, 3,7%. Quando questionados sobre o nível de conhecimento de informática, 78,3% das mulheres afirmaram saber o básico ou intermediário, já entre os homens esse percentual foi de 96,3%. Os demais estudantes que declararam saber mexer apenas em redes sociais, obteve-se um percentual de 21,7% entre as mulheres e apenas 3,7% entre os homens.

Foi perguntado se os estudantes ou alguém do seu domicílio apresentou suspeita ou confirmação de Covid. Para os estudantes do sexo feminino esse percentual foi de 87% e 85,2% para os do sexo masculino, indicando não haver diferenças por gênero relacionado ao acometimento da doença.

A avaliação da percepção de algumas condições experimentadas durante a pandemia da Covid-19 foi distinta de acordo com o gênero do estudante (**Tabela 2**). Em termos de condições financeiras, mais da metade das mulheres (63%) declararam que as suas condições pioraram, enquanto menos da metade dos homens tiveram essa percepção negativa (44,4%). Os percentuais de estudantes que declaram pioram nas condições de estudo foram 39,2% e 51,9%, para mulheres e homens, respectivamente.

TABELA 2 – Percepção com relação à Covid-19 dos estudantes de graduação de uma universidade pública federal, Rio de Janeiro, Brasil, 2022

		Gênero	
		Feminino	Masculino
Condições financeiras	Melhorou	8,7	11,2
	Permaneceu igual	28,3	44,4
	Piorou	63,0	44,4
Condições de estudo	Melhorou	6,5	18,5
	Permaneceu igual	54,3	29,6
	Piorou	39,2	51,9
Vontade de estudar	Melhorou	15,2	14,8
	Permaneceu igual	19,6	25,9
	Piorou	65,2	59,3
Saúde mental	Melhorou	0,0	0,0
	Permaneceu igual	13,0	22,2
	Piorou	87,0	77,8

Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

Foram observados elevados percentuais de piora da vontade de estudo entre ambos os gêneros, sendo maior o percentual entre as mulheres (65,2%). Essa situação mais desfavorável também foi observada com relação à percepção da saúde mental, pois as mulheres alcançaram um percentual de 87 %, contra 77,8% dos homens.

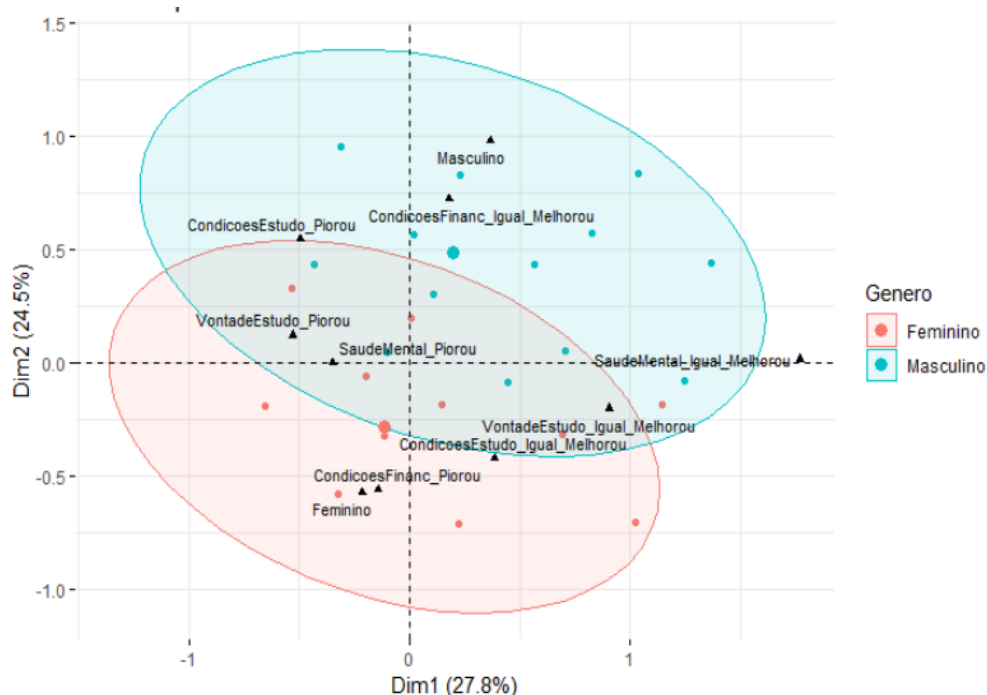
Para avaliar o impacto da Covid-19 na percepção dos estudantes com base no gênero, de modo a delimitar perfis distintos, foi realizada uma análise de correspondência múltipla

(ACM). As variáveis de percepção originalmente pesquisadas eram formadas por três categorias (melhorou, permaneceu igual e piorou), entretanto as mesmas foram recodificadas para possuírem apenas duas categorias (melhorou ou permaneceu igual e piorou). O intuito dessa modificação nos níveis dessas variáveis foi a obtenção de um gráfico de perfis mais simplificado, evitando a sobreposição de categorias e, desse modo, possibilitar uma melhor interpretação e identificação dos perfis.

A **Figura 1** apresenta os resultados da ACM. Os dois principais eixos do modelo respondem por 52,3% da variabilidade dos dados. Os gêneros ficaram em posições opostas do plano, o que indica uma separação entre mulheres e homens. Essa distinção é delineada pela formação de dois perfis. O primeiro é constituído pelo gênero feminino, com piora nas condições financeiras e uma condição de estudo que se manteve igual ou melhorou. O segundo perfil é formado pelo gênero masculino, com piora nas condições de estudo e com condições financeiras que se mantiveram ou melhoraram.

Mesmo com a formação desses dois perfis, há uma importante sobreposição entre os indivíduos caracterizada por semelhanças relacionadas à vontade de estudo e à saúde mental. Essas duas dimensões se mostraram associadas e variam na mesma direção, mas não possuem relação distinta com o gênero, ou seja, os estudantes apresentaram uma percepção de piora ou estabilidade/melhora independentemente do gênero.

FIGURA 1 - Gráfico da Análise de Correspondência Múltipla das variáveis de gênero e percepção dos impactos da Covid-19



Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

DISCUSSÃO

Gusso *et al.* (2020) destacam que um dos problemas enfrentados pelas instituições de ensino durante a Pandemia foi o acesso limitado (ou inexistente) dos alunos às tecnologias necessárias para a continuidade dos estudos. Porquanto, essa pesquisa constatou que a posse de computador como um indicador das condições materiais revelou uma situação menos favorável para as mulheres, fato que pode ser intensificado com o nível de conhecimento de informática dessa população na pesquisa, pois uma proporção um pouco maior de 20% afirmou saber mexer apenas nas redes sociais. Todavia, essa condição não se constituiu um fator de impedimento pleno para os estudos, segundo os dados da pesquisa, haja vista que as mulheres reportaram, mais frequentemente em comparação aos homens, que suas condições de ensino melhoraram.

As aulas do ensino remoto ocorreram, em sua maioria, em plataformas digitais orientadas para o público em geral (Google Meet, Zoom etc.) sem, necessariamente, adoção de sistemas computacionais. Nesse sentido, esse formato não demandou competências e habilidades específicas, de modo que os alunos podiam fazer o acompanhamento das aulas até mesmo pelo celular. Contudo, Hodges *et al.* (2020) apontam que a qualidade e o acompanhamento desse ensino foram inferiores ao que ocorria antes do isolamento social.

Em razão da mulher ocupar majoritariamente o papel de cuidadora nos domicílios, é possível levantar a hipótese de que o ensino remoto, ao permitir que permanecessem em casa, tenha facilitado a conciliação entre cuidados com o lar e os estudos. Isso explicaria o elevado percentual de percepção de melhora das condições de estudo encontrados nessa pesquisa. Por outro lado, esse mesmo contexto pode estar associado com a piora das condições financeiras das mulheres, haja vista o impacto da quarentena nas atividades profissionais majoritariamente exercidas pelas mulheres, a exemplo daquelas no setor de serviços, bem como com o fechamento das escolas que limitou suas possibilidades de oferta de cuidado dos filhos (Alon *et al.*, 2020).

Um outro ponto diz respeito ao fato de que a permanência das mulheres no domicílio também pode estar associada com uma situação mais favorável para os homens continuarem a exercer suas atividades profissionais (Arntz *et al.*, 2020). Assim sendo, o ensino remoto ao não exigir a presença do aluno na universidade pode ter favorecido a busca de ocupações remuneradas por parte dos homens. Deste modo, a percepção destes reportou um elevado percentual com relação à manutenção ou melhora das condições financeiras. Nunes (2021) infere que a situação empregatícia é um dos fatores que levam a permanência do estudante no ensino superior, abordando que no período pandêmico a evasão nas instituições privadas se deu

também pela falta de recurso para debitar as mensalidades, e na pública pela dificuldade do acesso aos meios necessários para acompanhamento das aulas.

Quando se avaliou a percepção da dimensão psicológica, em termos da vontade de estudo e da saúde mental, algumas diferenças foram observadas na direção já apontadas por outros estudos nos quais a mulher se mostrou mais afetada emocionalmente. Por exemplo, Bernardelli *et al.* (2022) constataram que, entre os estudantes universitários, as mulheres têm maior probabilidade de desenvolver ansiedade em comparação aos homens. Da mesma forma, Gomes *et al.* (2020) encontraram índices mais elevados de transtornos mentais entre as mulheres universitárias. Contudo, há de se considerar que os percentuais de piora da saúde mental foram significativamente elevados para ambos os gêneros, situação que atingiu quase a totalidade dos participantes.

A pandemia produziu uma nova realidade social, a qual fez com que os indivíduos ressignificarem o seu modo de viver em razão da restrição do contato entre pessoas devido ao contágio da doença. Para além disso, o ineditismo dessa vivência resultou no convívio diário com as incertezas de como seria o “novo normal” ou ainda o medo de contrair Covid. Portanto, esse cenário propiciou, em alguma medida, impactos de ordem psicológica como a ansiedade, o estresse e a depressão para a população como um todo (Maia; Dias, 2020; Nunes, 2021; Serafim *et al.*, 2021).

O mesmo ocorreu para a vontade de estudar cujos percentuais de piora atingiu aproximadamente dois terços dos participantes, independentemente do sexo. Esse resultado pode estar relacionado com a adaptação à nova forma como passou a ser realizada às atividades acadêmicas no ensino remoto, perpassada por impactos negativos na vida do estudante, como já discutido. Outrossim, dúvidas quanto à progressão acadêmica corroboram também para perturbações no campo da psique, levando também a redução do rendimento do discente (Gundim *et al.*, 2021).

CONCLUSÃO

Os resultados do estudo apontam para a perpetuação das desigualdades de gênero no âmbito do ensino superior de uma universidade pública federal existentes antes da pandemia. As mulheres apresentaram um perfil mais associado com a dimensão do ensino na medida em que apresentaram elevado percentual de percepção de preservação/melhora das condições de estudo quando comparadas aos homens, a despeito das condições limitantes que se impuseram durante a pandemia. No entanto, elas manifestaram uma percepção de piora das condições financeiras mais frequentemente que os homens, o que aponta para a manutenção da diferença

preexistente de oportunidades e de ocupação no mercado de trabalho, a despeito do maior envolvimento feminino com o campo da educação formal.

Quando se passa dos aspectos de natureza mais concreta e material, como as condições financeiras e de estudo, para a esfera do psicológico, a exemplo da vontade de estudar e da saúde mental, as diferenças do impacto da Covid-19 sobre a percepção dos estudantes, verifica-se uma semelhança entre os dois gêneros estudados. Contudo, foram as mulheres que mais frequentemente declararam piora e assim ratifica a já histórica desigualdade e desvantagem relacionada ao gênero que também se reflete entre estudantes do ensino superior.

Conclui-se que o hiato entre homens e mulheres se manteve ou ainda foi aprofundado em razão da sua intensidade e do seu enraizamento na sociedade brasileira. Essa constatação se verifica mesmo em condições extremas como a gerada pela pandemia da Covid-19, uma doença que não tem uma predisposição por gênero.

REFERÊNCIAS

ALON, T.; DOEPKE, M.; OLMSTEAD-RUMSEY, J.; TERTILT, M. The impact of COVID-19 on gender equality (No. w26947). **National Bureau of Economic Research**, 2020.

ARNTZ, M.; BEN YAHMED, S.; BERLINGIERI, F. Working from home and COVID-19: The chances and risks for gender gaps. **Intereconomics**, v. 55, p. 381–386, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10272-020-0938-5>.

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede - Revista De Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.53628/emrede.v7.1.621>.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR – ANDIFES. *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018*. Brasília, DF: **Andifes**, Fonaprace, Universidade Federal de Uberlândia, 2019.

BARBOSA, A. M.; VIEGAS, M. A. S.; BATISTA, R. L. N. F. F. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiência de professores do Ensino Superior sobre as aulas remotas. **Revista Augustus**, v. 25, n. 51, p. 255-280, 2020.

BARTMEYER, S. M.; SALLES FILHO, N. A. O direito humano das mulheres à educação e a pandemia da Covid-19: uma análise da sobrecarga das estudantes da UEPG. **Revista Científica Educação**, v. 4, n. 8, p. 1043-1060, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46616/rce.v4i8.106>.

BERNARDELLI, L. V. *et al.*. A ansiedade no meio universitário e sua relação com as habilidades sociais. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 27, n. 1, p. 49–67, jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, ed. 53, 18 mar. 2020. Seção 01, p. 39. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm.

CALDERARI, E. B.; VIANNA, F. R. P. M.; MENEGETTI, F. K. Professores o tempo todo: um estudo sobre as condições materiais, físicas e psicológicas de docentes no ensino superior durante a pandemia do Covid-19. **Revista Eletrônica De Administração**, v. 28, n. 2, p. 487–524, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/112251>.

CASTRO, E. A.; QUEIROZ, E. R. de. Educação a distância e ensino remoto: distinções necessárias. **Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar Em Educação E Pesquisa**, v. 2, n. 3, p. 3 - 17, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36732/riep.v2i3.59>.

COMPUTING, R. R: *A language and environment for statistical computing*. Vienna: **R Core Team**, 2013.

CRAWFORD, J. *et al.* COVID-19: 20 countries' higher education intraperiod digital pedagogy responses. **Journal of Applied Learning & Teaching**, v. 3, n. 1, p. 9–28, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.37074/jalt.2020.3.1.7>.

DI FRANCO, G. Multiple correspondence analysis: one only or several techniques? **Quality and Quantity**, v.50, n.3, p.1299–1315, 2016. Available from: <<https://doi.org/10.1007/s11135-015-0206-0>>. Accessed: Jan. 15, 2023. doi: 10.1007/s11135-015-0206-0.

FÁVERO, L.; FÁVERO, P. Análise de dados: técnicas multivariadas exploratórias com SPSS e STATA. Barueri, SP: **GEN Atlas**, 2017.

GOMES, Carlos Fabiano Munir *et al.* Transtornos mentais comuns em estudantes universitários: abordagem epidemiológica sobre vulnerabilidades. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto , v. 16, n. 1, p. 1-8, mar. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762020000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 fev. 2025. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.157317>.

GUNDIM, V. A. *et al.* Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 35, 2021.

GUSSO, H. L. *et al.* Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. **Educação & Sociedade**, v. 41, p. e238957, 2020.

HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B.; TRUST, T.; BOND, A. The difference between emergency remote teaching and online learning. *Educause Review*, v. 27, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 14 abr. 2025.

HUSSON, F.; JOSSE, J. Multiple correspondence analysis. In: **Visualization and Verbalization of Data**. Chapman and Hall/ CRC, 2014. p.165–184. Available from: <<https://doi.org/10.1201/b16741-14>>. Accessed: Jan. 21, 2023. doi: 10.1201/b16741-14.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – **IBGE**. Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – **IBGE**. Estatísticas de Gênero e Indicadores sociais das mulheres no Brasil. 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, 2020.

NUNES, R. C. Um olhar sobre a evasão de estudantes universitários durante os estudos remotos provocados pela pandemia do COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE/ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OPAS/OMS. **Folha informativa sobre Covid-19**. 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875.

SERAFIM, A. P. *et al.* Exploratory study on the psychological impact of COVID-19 on the general Brazilian population. **PloS One**, v. 16, n. 2, e0245868, 2021.

VELOSO, B.; MILL, D. Precarização do trabalho docente na educação a distância. **CIET:EnPED**, 2018. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/141>.

VIEIRA-SANTOS, J.; PAIVA, W. F.; MENDES-PEREIRA, C. C. Percepções de estudantes universitários brasileiros sobre o impacto da pandemia de COVID-19 na rotina acadêmica. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, 2022.